



## 1.

Nesta homenagem a Eduardo Lourenço, partir da minha visão da obra de Fernando Pessoa é a oportunidade para sublinhar como a imagem de um *Pessoa ironista* (que venho, há alguns anos, investigando sob diferentes ângulos<sup>1</sup>), já está delineada nas mais de mil páginas que Lourenço dedicou ao escritor. Não há um texto seu exclusivamente dedicado à ironia pessoana, embora ela esteja disseminada, a exemplo do que ocorre com a crítica de Jorge de Sena sobre Pessoa, ao longo de sua recepção crítica. Neste breve estudo, eu me proponho a fazer o que de mais objetivo poderia fazer nesta ocasião, que é, de certa forma, reunir o que está disperso, e, guiando-me pelo propósito de traçar aquela que talvez seja a imagem crítica mais prezada entre os leitores do poeta, reconhecer – não como um mero exercício de humildade, mas como uma proposta de diálogo –, a importância que Eduardo Lourenço teve para a minha proposta de ler Pessoa como um *ironista*.

A opinião de João Gaspar Simões pode ser evocada em regime de contraste com a visão de Eduardo Lourenço. Para o autor de *Vida e obra de Fernando Pessoa* (1950), “quando se diz que Fernando Pessoa punha ironia em muitas das suas afirmações, procura-se explicar a pouca sinceridade com que ele se dava a certas ideias e a certas práticas” (Simões, 1991, p. 519). Ainda ligado ao espírito presencista, marcado pelo binômio sinceridade-artificialismo (aliás, “fingimento” é uma noção matizada por Jorge de Sena, em oposição à sua “poética do testemunho”, e não por Gaspar Simões), o crítico não encontra, ao longo de sua biografia romanceada, uma síntese menos esquemática que ceda espaço à *sensibilidade intelectual* de Pessoa. A seu ver, a ironia é o contrário da sinceridade, e uma vez que esta última é por ele considerada como um traço inerente aos grandes escritores, Pessoa não poderia ser irônico: “Ora, Fernando Pessoa nunca foi um espírito irônico. A ironia é imprópria dos tímidos, e Fernando Pessoa, visceralmente, era um tímido” (Ibid., p. 519). Essa afirmação, se ao associar a ironia à ausência de timidez parece-nos controversa em si mesma, por outro lado denuncia o estro biográfico do crítico, ao justificar uma característica do escritor com base num suposto traço psicológico do sujeito empírico.

---

<sup>1</sup> Cf. Gagliardi 2021a, 2021b e 2021c.





justamente a ironia que lhe propicia cavar uma trincheira que lhe dê guarida e o salve da devastação. Sem a sua ironia despersonalizante, não haveria o distanciamento, a frieza necessária para aturar a arriscada descida ao magma da personalidade. Em “Pleonástica evocação” (1988), esse arrojamento vem assim explicado por Lourenço (2020e, p. 82):

Tudo é preferível a suportar a sua própria ironia, imaginando-o, descrevendo-o, escarpelizando-o, como se ele tivesse realmente existido. Foi só poesia, verbo sem sujeito, sujeito em busca do Verbo, anonimato grandioso onde todos cabemos e ele sobra. Até a sua própria ironia é a nossa ironia. Tomemo-la como escudo e celebremos sem vergonha a sua vida havida por não havida, a sua existência inexistente, a vertiginosa ausência de ser que hoje conhecemos sob o nome de Pessoa.

Essa espécie de arrimo no qual a poesia de Pessoa se escorou é também, em “Fernando Pessoa ou o não-amor” (1984), apresentado como “véu”, “véu da dialéctica e da ironia” que serve, em “toda a lírica heterónima” (Lourenço, 2020f, p. 142), para encobrir as fendas secretas que Gaspar Simões, e outros mais depois dele, teriam imprudentemente se empenhado em iluminar.

O que me interessa ao analisar esse aspecto da refutação de Lourenço a Gaspar Simões (que se estende, como sabemos, a outros temas) é enxergar na recorrência à ironia um traço de sua visão sobre algo que é pouco enfatizado pelo crítico presenciista, isto é, a “existência inexistente” de Pessoa.

Note-se, por exemplo, como, em “Considerações sobre o proto-Pessoa (do tempo da morte à morte do tempo)” (1978), ao tratar dos poemas de Alexander Search, assinados entre 1903 e 1909, Lourenço distingue aquele “jovem autor a braços com os seus fantasmas originais”, do restante da produção poética de Pessoa, que a certa altura passará, segundo ele, a ser governada pela “ironia e humor metafísicos” (Lourenço, 2020g, p. 419). Mas essa consideração não se restringe à produção poética. “No *Livro do Desassossego*”, o crítico complementar, em “Sonho de Império e Império de sonho” (1993): “Pessoa pintou-se, naquele tom de ironia secretamente melancólica que lhe é próprio, como sonhador e nada mais. Queria para si o exclusivo do sofrimento ou do êxtase puro do sonhar e de se sonhar” (Lourenço, 2020h, p. 320).

É exemplo dessa perspectiva dominante em sua crítica o ensaio “Fernando, Rei da Nossa Baviera” (1986), no qual Lourenço chama a

atenção para o “humor como indiferença no interior da tragédia”, cultivado por um jovem poeta que viveu com exaltação seu encontro com Portugal. Lourenço considera Pessoa uma figura de exceção na tradição lírica portuguesa, por ser “o criador de um novo olhar poético, o inventor do sorriso no meio do desastre, do sentido imaginário no interior do sem sentido absoluto e do naufrágio” (Lourenço, 2020i, p. 16). Num outro momento desse mesmo texto, o ensaísta afirma que “se há enigma” na obra de Pessoa, “é o da sua universal claridade. Por detrás dela não é difícil descortinar o sorriso de Pessoa, gozando a nós, como escreveu, ‘a ironia de o não estranharem’” (Ibid., p. 10). Em meio a um cenário literário pautado pela melancolia – que ganhara contornos metafísicos, telúricos e místicos com Antero de Quental, António Nobre e Camilo Pessanha –, o sorriso irônico de Pessoa representava uma desconcertante novidade.

Poderíamos, no entanto, objetar que talvez seja Eça de Queirós um ironista anterior a Pessoa, capaz de lhe roubar a novidade. Lourenço logo esclarece que, no caso do poeta, “o humor poético e metafísico não é o da ironia de Eça, humor sobre ou à custa do ‘outro’. É o olhar de um deus triste sobre si mesmo, sorriso de Daniel na cova dos leões. Este ‘olhar frio’ pousado sobre a vida separa a poesia de Pessoa de toda a poesia portuguesa não camoniana, poesia de lirismo imediato” (Ibid., p. 16). Não há, não conheço pelo menos, outro crítico à altura de uma afirmação deste calibre. Mas fiquemos por aqui, frisando como Lourenço enfoca, em resposta à esfinge edipiana de Gaspar Simões, o sorriso desrealizante de Pessoa.

## 2.

Se, tal como vimos, Lourenço constrói a sua imagem de Pessoa como escritor pelo prisma da ironia, passemos a perguntar, como ele considera a poesia heteronímica? Sem dúvida, são Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, nessa ordem, os heterônimos que mais recebem atenção ao longo de sua obra ensaística, e que, ao mesmo tempo, mais dependem desse enfoque.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> A ausência do viés irônico na leitura, muito mais econômica por sinal, que Lourenço propõe de Reis, é, em si mesma, significativa de seu olhar crítico. A sua tese mais densa e extensa sobre Pessoa, *Fernando Pessoa revisitado* (1973), gira fundamentalmente em torno de Caeiro e Campos, sendo destinado apenas um capítulo a Reis, o único exclusivo a seu respeito, e sem qualquer ironia evidente. Por esse motivo, penso que Reis participe menos da imagem que Lourenço construiu de Pessoa, mas isso talvez possa ser dito da maior parte de seus críticos.

Já o verso de abertura d'“O guardador de rebanhos” é a proposição de um acordo ficcional: “Eu nunca guardei rebanhos, / Mas é como se os guardasse”. Esse “é como se”, que se repetirá ao longo do primeiro e de outros poemas, é a proposição de um pacto com o leitor. Não somos tolos para não o aceitar. Mas o sentido total dessa poesia não pode desconsiderar a presença e a identidade desse “Eu” que abre o poema. É na distância entre o olhar transfigurador de Caeiro e a realidade efetivamente apreendida que, para Eduardo Lourenço, a voz autoral se articula ironicamente. Devemos ser capazes de atentar tanto para o pastor quanto para esse sujeito que, em suas próprias palavras, nunca guardou rebanhos, e compreender qual deles é o sujeito, qual deles é o objeto desses poemas. Em suas “Considerações pouco ou nada intempestivas” (1973), Lourenço chama a atenção justamente para o “laço dialético e irónico” que prende os poemas-Caeiro à voz que os articula, e essa voz “está muito longe”, nas palavras do crítico, de “se identificar com a Natureza” (Lourenço, 2020j, p. 226).

O texto que associa mais sistematicamente Caeiro à ironia é também o mais frequentado de Lourenço sobre esse heterônimo. Trata-se do capítulo de *Fernando Pessoa revisitado*, “A curiosa singularidade de ‘Mestre Caeiro’” (1973). Lido a partir dessa chave específica, vemos que o seu contraponto ideal é a hipótese barthesiana de “grau zero da poesia”, tal como lançada por José Augusto Seabra. Se, de fato, a proposição do Mestre se baseia no que Seabra apresenta como “vontade de não-poesia”, isso não passa, a bem ver, de um ideal irrealizável. Lourenço dirige suas lentes de aumento para o desvão que “separa consciência e mundo, olhar e coisa vista”, sublinhando justamente essa distância. É esse interstício o espaço da poesia-Caeiro. Assim, em suas palavras, se “Caeiro nasce para a anular”, “é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irónica e gravemente se articula” (Lourenço, 2020k, p. 232). Em outras palavras, se Caeiro se apresenta como “cura fulgurante” para Pessoa justamente por ser “o Pessoa mais distante de si mesmo que foi possível conceber-se”, ele é, ao mesmo tempo, um remédio para o que “não tem cura”. Ao se apresentar como “ceifeira perfeita”, Caeiro só pode sê-lo “em sonho”; ao se vestir de “pastor sem metafísica nenhuma”, Caeiro, nas palavras de Lourenço, “só por ironia (assim) se proclama” (Lourenço, 2020k, p. 233). Por ser essa uma pavidez aparente, uma “tranquilidade de sonho”, é também a sua ironia, uma “ironia triste” (Lourenço, 2020k, p. 233): “É uma voz branca, ligeiramente irónica,





whitmaniana “paixão pela diversidade das coisas”, o heterônimo os matiza com o seu “humor mais ou menos negro” e sua “ironia transcendente”, elevando, segundo o crítico, a “tragicomédia da inteligência e da sensibilidade” ao “mais alto ponto”. Em “Álvaro de Campos II ou a agonia Heróstrato-Pessoa” (1973), Lourenço nos coloca diante, não de uma imagem histórica ou heroica de Campos, mas de seu contrário, isto é, de um sujeito trágico em “sua glacial solitude”, “a comicidade dolorosa de uma existência que não encontra, em parte alguma nem em nada, remédio contra a angústia fria que a devasta” (Lourenço, 2020m, p. 330).

Este ensaio é fundamental para o delineamento de uma concepção mais profunda de Campos. “Em 1915 e 16”, explica o crítico,

o que chocou foi a histerização do grito, o delírio das imagens, e viu-se num poema vasto como o mar uma simples provocação vanguardista, uma vontade de escândalo e um canto primário de exaltação da vida moderna. Não se viu, nem era então possível ver nele, a epopeia do fracasso mascarado em viagem imaginária, barco bêbado da só bebedeira da alma (Lourenço, 2020m, p. 331).

Essa visada para além das aparências tanto define o papel da crítica como delimita com clareza em que medida a ironia atua na poesia de Campos. Segundo Lourenço, é “o acompanhamento irônico da mão esquerda, eco da fadiga metafísica de Pessoa, já de regresso de todas as viagens” que corrói a “energia imitada para cantar certos aspectos da civilização moderna, aparente canto da mão direita de directa ressonância whitmaniana” (Ibid., p. 331). Notemos que, sem essa irônica vocação, não teria Campos se colocado frente a frente com a própria ausência de realidade.

Em “Walt Whitman e Pessoa” (1977), ensaio que, sob certo aspecto, dá continuidade ao anterior, o crítico explica que, ao contrário de Pessoa, em Whitman a “aceitação do mundo exterior não é de natureza irônica, nem polémica”, mas “um gozo em face da multiplicidade, da diversidade”. A originalidade de Whitman estaria em ser “um poeta da corporalidade como a poesia nunca havia conhecido antes, um poeta preocupado e extasiado diante das funções – todas as funções – do seu próprio corpo”. Lourenço considera que essa corporalidade não é, em Whitman, realisticamente abordada, mas sim “glorificada em êxtases paralelos ou análogos àqueles que os poetas espiritualistas de filiação romântica reservam ao espírito ou à alma”. Mas enquanto a relação de Whitman com o próprio corpo é “narcísica” e “gloriosa”, a de Campos é “patológica” e “sado-masoquista”.

Enquanto o corpo whitmaniano é “pleno de seiva, violento, alegre, expansivo” e “solidário de outros corpos”, o de Campos é um “corpo mutilado”, que remete “às tentações de Jerónimo Bosch ou aos quadros anatómicos em que o homem aparece detalhado nos seus músculos, ossos, vísceras, dissecado, enfim” (Lourenço, 2020n, p. 397-398).<sup>3</sup>

Em ensaio intitulado “A propósito de Álvaro de Campos...” (1986), segundo Lourenço, se a poesia de Whitman é caracterizada por uma positividade absoluta, Pessoa a teria assimilado e convertido, em um “whitmanismo complexo, irónico e labiríntico” (Lourenço, 2022o, p. 412). Sem a sua “ironia transcendente”, que resultou num “verdadeiro sorriso diante do nada”, Pessoa, e em particular Álvaro de Campos, não teria distorcido a seriedade romântica para formular uma “nova poética” responsável por o tornar, segundo Lourenço, “nosso contemporâneo e um dos poetas emblemáticos da Modernidade” (Lourenço, 2022o, p. 282-283).

Portanto, a essa altura é possível identificar na crítica pessoana de Lourenço um padrão argumentativo em torno de três grandes movimentos caracterizados pela refutação de perspectivas historicamente cristalizadas, e a partir das quais o crítico formula novos pontos de vista. Como procuramos demonstrar, em resposta a 1. o psicobiografismo de João Gaspar Simões; 2. a tese barthesiana de J. A. Seabra relacionada a Caetano; e 3. a exaltação genesíaca de Walt Whitman; Lourenço apresenta três novas imagens críticas de Pessoa. Ao serem persuasivamente delineados pelo pincel da ironia, esses quadros analíticos são os principais responsáveis pela visão crítica de Eduardo Lourenço a respeito da obra de Fernando Pessoa.

---

<sup>3</sup> Repare-se na distinção, que, pela agudeza da observação e pela amplitude da abordagem, está, a meu ver, entre as passagens mais agudas e nucleares da fortuna crítica pessoana, e que só a imaginação crítica de Lourenço poderia conceber: “Walt Whitman podia glorificar uma máquina como um corpo, transladar para ela a seiva, a violência alegre e tumultuosa das suas veias, mas não o inverso como o poeta da Ode Triunfal. Álvaro de Campos imagina o seu corpo inimaginável (quer dizer, intocável) como uma máquina e assim metaforicamente vive nela e através dela os furores imaginais, os espasmos e os ardores fictícios, mas sobretudo os suplícios de que a sua imaginação corporal se alimenta e em que tão efusivamente se compraz. Álvaro de Campos representa, sem dúvida, como foi notado vezes sem conta, o máximo de aderência que o homem-Pessoa concedeu à realidade exterior, mas é uma aderência hysterizada, doente, frenética, paralisada no seu imaginário excesso, deboche prodigioso de um sedento sem sede verdadeira. Sob a vestimenta mais mimeticamente whitmaniana que é possível conceber-se – dando provas nisso de um génio de assimilação com poucos émulo na história da poesia –, Álvaro de Campos é um anti-Whitman, como Caetano é um não-Whitman, mas num caso e noutro inteligíveis apenas como a dupla e inversa maneira que foi a do seu criador Pessoa de ser Whitman continuando a ser Pessoa ou de ser Pessoa, apesar de ser Whitman” (Lourenço, 2020n, p. 397-398).

## REFERÊNCIAS

GAGLIARDI, Caio. “O riso irônico de Pessoa”. In: PACCIOLA, Francesa; MIRANDA, Rui Gonçalves (ed.). *Fernando Pessoa: abordagens*. London: Splash Editions, 2021a, p. 296-307.

GAGLIARDI, Caio. “Ler o Gesto: a concepção pessoana de publicação”. In: *Atas do Congresso Internacional Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 2021b. v. 1. p. 39-58.

GAGLIARDI, Caio. “A sensibilidade individualista de Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Brown Digital Repository. Brown University Library, p. 17-37, 2021c.

LOURENÇO, Eduardo. “Álvaro de Campos I ou as audácias fictícias de Eros” (1973). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2020a.

LOURENÇO, Eduardo. “Kierkegaard e Pessoa ou a comunicação indirecta” (1954-56). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2020b.

LOURENÇO, Eduardo. “Pessoa ou a realidade como ficção” (1975). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2020c.

LOURENÇO, Eduardo. “Estrangeiro aqui e em toda parte...” (2005). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2020d.

LOURENÇO, Eduardo. “Pleonástica evocação” (1988). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2020e.

LOURENÇO, Eduardo. “Fernando Pessoa ou o não-amor” (1984). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2020f.

LOURENÇO, Eduardo. “Considerações sobre o proto-Pessoa (do tempo da morte à morte do tempo)” (1978). *Obras Completas de Eduardo Lourenço IX – Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Coordenação,



PESSOA, Fernando. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.


PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve*: notas sobre crítica e literatura (1954). Trad. De Haroldo Ramanzini. São Paulo: Iluminuras, 1988.

SIMÕES, João Gaspar Simões. *Vida e Obra de Fernando Pessoa: História de uma Geração*, 1991.

WIMSATT, William K. & BEARDSLEY, Monroe. "The Intentional Fallacy" (1946). BEARDSLEY, Monroe. *The verbal icon*. Studies in the meaning of poetry. Lexington: University of Kentucky Press, 1954.

Recebido em 5 de agosto de 2023


Aprovado em 31 de outubro de 2023

Licença: 

Caio Gagliardi

Professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas.

Contato: [caiogagliardi@usp.br](mailto:caiogagliardi@usp.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-4422-7544>